

PAULO ROCHA

50 ANOS DE CINEMA

OS VERDES ANOS
MUDAR DE VIDA
SE EU FOSSE LADRÃO...
ROUBAVA



Os Verdes Anos

REALIZAÇÃO PAULO ROCHA

Isabel Ruth

MÚSICA
Carlos Paredes

Rui Gomes

PRODUÇÃO
Cunha Telles



realização e argumento PAULO ROCHA adaptação e diálogos NUNO BRAGANÇA fotografia LUC MIROT montagem MARGARETA MANGS
 direcção de som HELIODORO PIRES música CARLOS PAREDES à guitarra CARLOS PAREDES à viola FERNANDO ALVIM
 letra canções PEDRO TAMEN assistente de realização FERNANDO DE MATOS SILVA caracterização MANUEL FERNANDES
 colaboração artística VERGÍLIO CORREIA vestuário RAFAEL CALADO decoração ALDA CRUZ
 director de produção ANTÓNIO DA CUNHA TELLES produção PRODUÇÕES CUNHA TELLES





Um rapaz de 19 anos, Júlio, vem para Lisboa a fim de tentar a sua sorte como sapateiro. No dia em que chega a Lisboa, um acidente fá-lo conhecer Ilda, uma rapariga da mesma idade, empregada doméstica num prédio perto do local de trabalho de Júlio. À medida que o filme se desenrola, vai nascendo um romance de amor entre os dois, mais forte da parte de Júlio, que ciumento, sentindo-se numa atmosfera estranha e hostil, desconfia permanentemente de Ilda, facto que a leva a romper o namoro. Num momento de cólera, impulsivo, Júlio acaba por matá-la.

com ISABEL RUTH, RUI GOMES, PAULO RENATO, ALBERTO GHIRA, CÂNDIDA LACERDA, CARLOS JOSÉ TEIXEIRA, HARRY WHEELAND, IRENE DYNE, JÚLIO CLETO, MANUEL DE OLIVEIRA, ÓSCAR ACÚRCIO e RUY FURTADO

Prémio Vela de Prata para a Melhor Primeira Obra do Festival Internacional do Filme de Locarno, 1964

realização e argumento PAULO ROCHA adaptação e diálogos NUNO BRAGANÇA fotografia LUC MIROT montagem MARGARETA MANGS direcção de som HELIODORO PIRES música CARLOS PAREDES à guitarra CARLOS PAREDES à viola FERNANDO ALVIM letra canções PEDRO TAMEN assistente de realização FERNANDO DE MATOS SILVA caracterização MANUEL FERNANDES colaboração artística VERGÍLIO CORREIA vestuário RAFAEL CALADO decoração ALDA CRUZ director de produção ANTÓNIO DA CUNHA TELLES produção PRODUÇÕES CUNHA TELLES



“*Os Verdes Anos* é a história da iniciação de dois jovens provincianos aos problemas da cidade e do amor. É um assunto que está muito perto da minha experiência pessoal. Com efeito também eu fui obrigado a vir viver para Lisboa.

Os Verdes Anos nasceu de um duplo projecto: o fascínio que certas zonas mais modernas da cidade exerciam sobre mim, vivendo perto de zonas rurais em vias de urbanização - projecto urbanístico, logo de meditação sobre a Lisboa moderna - e a necessidade interior de resolver um problema muito popular - o crime passionai, realidade quotidiana dos jornais.”

Paulo Rocha

Mudar de Vida

REALIZAÇÃO PAULO ROCHA

PRODUÇÃO
Cunha Telles

Geraldo D'el Rey
Isabel Ruth
Maria Barroso
João Guedes



realização e argumento PAULO ROCHA diálogos ANTÓNIO REIS música CARLOS PAREDES montagem MARGARETA MANGS, PAULO ROCHA
fotografia ELSO ROQUE decorador ZENI D'OVAR anotadora TERESA OLGA som directo ALFREDO TROPA
assistente de realização ANTÓNIO CAMPOS produtor ANTÓNIO DA CUNHA TELLES
direcção de produção FERNANDO DE MATOS SILVA produção PRODUÇÕES CUNHA TELLES





Uma praia de pescadores, o mar que a pouco e pouco vai conquistando a terra. A luta do homem com o mar e sobretudo a luta entre a tradição e o progresso. No centro do drama estão as relações sentimentais, difíceis e quase absurdas que unem um pescador, Adelino, de regresso da guerra de África e duas mulheres, Júlia, uma mulher do mar (à moda antiga), e Albertina, uma operária misteriosa e selvagem. Voltando do Ultramar, Adelino encontra Júlia, a sua antiga namorada, casada com o seu irmão. O drama surge... Albertina, a operária, desafia-o a partir, a Mudar de Vida.

com GERALDO D'EL REY, ISABEL RUTH, MARIA BARROSO, JOÃO GUEDES, NUNES VIDAL, MÁRIO SANTOS, CONSTANÇA NAVARRO, JOSÉ BRAZ

realização e argumento PAULO ROCHA diálogos ANTÓNIO REIS música CARLOS PAREDES montagem MARGARETA MANGS, PAULO ROCHA fotografia ELSO ROQUE decorador ZENI D'OVAR anotadora TERESA OLGA som directo ALFREDO TROPA assistente de realização ANTÓNIO CAMPOS produtor ANTÓNIO DA CUNHA TELLES direcção de produção FERNANDO DE MATOS SILVA produção PRODUÇÕES CUNHA TELLES



“O *Mudar de Vida* é a minha primeira tentativa de cinema (do Norte). É filmado no Furadouro, Ovar, terra da minha mãe e dos meus avós. A imagem é pesada e monumental, está perto dos japoneses e de algum cinema russo. É tal como *Os Verdes Anos* coisa de experiência directa, desde criança vivi subjugado pela força daqueles pescadores e daqueles barcos. É o contrário da cultura plástica e literária de Lisboa. Mas está próximo da pintura do Júlio Resende. A colaboração do António Reis nos diálogos foi decisiva para atingir aquele ambiente de violência hierática”

Paulo Rocha

 FESTIVAL DE CINEMA
DE LOCARNO
SESSÃO ESPECIAL
FORA DE COMPETIÇÃO



Se Eu Fosse Ladrão... Roubava

um filme de Paulo Rocha

ISABEL RUTH · LUÍS MIGUEL CINTRA

CHANDRA MALATITSCH

JOANA BÁRCIA · CARLA CHAMBEL · RAQUEL DIAS · MÁRCIA BREIA · JOÃO CARDOSO · JOÃO PEDRO VAZ

produção e realização PAULO ROCHA argumento e diálogos REGINA GUIMARÃES director de fotografia ACÁCIO DE ALMEIDA decors ACÁCIO CARVALHO
figurinos MANUELA BRONZE caracterização SANO DE PERPESSAC 1.º assistente de realização PAULO GUILHERME som OLIVIER BLANC montagem de som e misturas NUNO CARVALHO
montagem EDGAR FELDMAN director de produção ANTÓNIO GONÇALO produção GAFANHA FILMES financiamento ICA, FUNDAÇÃO CALOUSTE GUILBENKIAN, RTP
apoio CÂMARA MUNICIPAL DE OVAR distribuição MIDAS FILMES



Partindo da memória familiar e da matéria dos seus filmes, Paulo Rocha revisita as suas origens e as referências maiores da sua vida e obra, numa construção fluida e complexa, que é conscientemente testamental embora só indirectamente autobiográfica (ele filma-se através do pai e dos personagens da sua obra). O motor inicial do filme é a evocação da infância e juventude do pai do autor, em particular o sonho obsessivo deste, na altura partilhado por muitos, de emigrar para o Brasil, para onde partiu efectivamente em 1909 (embora a cronologia verdadeira, tal como os factos e os nomes, sejam alterados, ou por vezes deslocados, em função das rimas com os outros filmes). Mas este tema familiar cruza-se desde o início com o grande mundo da obra de Rocha, num puzzle de raccords temáticos que se dirige para dentro e para trás (a busca do centro, ou da origem...) tanto quanto para fora (a constante ampliação de sentido, a identidade de um país). Paulo Rocha fala portanto da sua própria necessidade de partir, e da interrogação de Portugal através da distância – o tempo formativo em Paris, depois a longa estada no Japão -, assim como fala da morte, mas também da doença e de um medo tornados endémicos, corrosivos de um país. Em paralelo, vão surgindo, nos excertos dos seus filmes, grandes referências da sua obra: homens como o escritor radicado no Japão Wenceslau

de Moraes (1854-1929), o poeta Camilo Pessanha (1867-1926) ou o pintor Amadeo de Souza Cardoso (1887-1918) – todos representantes de um fulgor criativo dos inícios do século tanto quanto justamente, de uma relação problemática com o país de origem. Por outro lado Se eu fosse ladrão... é ainda um repositório de um outro diálogo estruturante da obra de Paulo Rocha – neste caso, particularmente associado a Amadeo – em que a inspiração na cultura universal se funde com um trabalho genuíno, dir-se-ia antropológico, sobre a cultura popular portuguesa, em especial centrada na região norte do país (os pescadores do Furadouro, o vale do Douro...).

Cinemateca Portuguesa

com ISABEL RUTH, LUÍS MIGUEL CINTRA, CHANDRA MALATITSCH, JOANA BÁRCIA, CARLA CHAMBEL, RAQUEL DIAS, MÁRCIA BREIA, JOÃO CARDOSO, JOÃO PEDRO VAZ

produção e realização PAULO ROCHA argumento e diálogos REGINA GUIMARÃES director de fotografia ACÁCIO DE ALMEIDA décors ACÁCIO CARVALHO figurinos MANUELA BRONZE caracterização SANO DE PERPESSAC 1.º assistente de realização PAULO GUILHERME som OLIVIER BLANC montagem de som e misturas NUNO CARVALHO montagem EDGAR FELDMAN director de produção ANTÓNIO GONÇALO produção GAFANHA FILMES financiamento ICA, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, RTP apoio CÂMARA MUNICIPAL DE OVAR distribuição MIDAS FILMES

EU

VIA

LUZ

JORGE SILVA MELO

“Eu vi a luz em um país perdido” é verso célebre de um dos mais delicados poetas portugueses, Camilo Pessanha (1867-1927). E é dizendo esse verso doente que, este derradeiro filme, Paulo Rocha atravessa, melancolicamente, o écran em plano – filmado em Macau – do seu *A Ilha dos Amores*, plano aqui recuperado como tantos de outros filmes seus.

Eu vi a luz em um país perdido.

Pensado, escrito, produzido, filmado e montado quando já a doença avançava, cruel, *Se Eu Fosse Ladrão... Roubava* (que esteve para se chamar *Olhos Vermelhos*) tem como seu epicentro a partida, a despedida, a saída da terra natal, a ânsia de recomeçar a vida noutras paragens, a determinação. E chama-se Vitalino (Vitalino!) aquele rapaz sorumbático, firme, que pelos anos da 1ª Guerra Mundial, anos da peste, anos de morte, anos de miséria, vemos despedir-se de irmãs, da terra, romper, teimar, abalar para o mundo que sonha novo, Brasil.

Sim, no centro da narrativa de *Se Eu Fosse Ladrão... Roubava* a fábula que reconhecemos como familiar: a partida do pai, a vontade inabalável, a despedida, a casa e o seu soalho de madeira, as vozes que ressoam, as sombras de mulheres sentadas, camas, chão, leitos de morte, janelas, portadas, escadas, eiras e bois, juntas de bois.

Não há uma narrativa linear, não, nada disso. No cinema de Paulo Rocha, e muito claramente a partir do seu segundo (e maravilhoso) filme, *Mudar de Vida*, a narrativa quebra-se, desdobra-se, estilhaça-se, cria núcleos a que poderíamos chamar gânglios, nós apertados que não conseguimos deslindar, corpos compactos. E aqui, parte e volta, fantasmática, abre-se, fecha-se.

As poucas sequências que cobrem a partida de Vitalino (mortes, despedidas, discussões) cruzam-se com planos, retomam histórias de outros tempos, abrem as portadas para sequências de outros filmes seus, quase todos. Mas não digam que este é um digest da obra de Paulo Rocha, um cinéaste de notre temps feito por ele próprio (que, nessa série histórica dedicou filmes a Imamura e a Oliveira) não, não é um resumo do seu trabalho de cinquenta anos de cinema, não é o melhor de, não, são histórias de partidas, desfechos, reencontros, maldições, são estilhaços de histórias montadas como eu nunca antes vira, surpreendente, são abraços e largadas, bailes.



Nunca vi bailar tanto num filme, num cinema. Bailam pares, bailam grupos, trocam-se pares, irrompem balões e fogos de artifício, apertam-se os corpos dos amantes, bailam pares eternamente, como naquele plano retomado tantas vezes, obsessivo plano em que Isabel Ruth e Rui Gomes dançam, recomeçam a dançar, sempre, em modesta colectividade de recreio, dançam “os nossos verdes anos”, dança agora, cinquenta anos mais velha, dança Isabel Ruth na praia, fantasma teatral, crepúsculo, dança agora e já sozinha, vinda de uma fantasia kabuki, cemitério.

É entre sombras, memórias, segredos, maldições que avançamos neste filme bailador: enquanto vemos envelhecerem os seus belos actores, maravilhosa Isabel Ruth que vem desde o princípio, admirável Luís Miguel Cintra na cena da morte, tremendo, vindo do martírio da Pousada das Chagas.

Não, Paulo Rocha não faz um retrato piedoso de si e dos seus, não há sombra de perdão: chama-os para uma conversa de fantasmas, convoca-os para um baile, acende a lanterna de papel para a dança de toda a sua vida, vê a velhice tomar conta dos corpos, olha a festa da vida e parece despedir-se.

Chama-se fogo-fátuo à luz que vem das campas, não é, química? E não será então este um filme-fátuo, funérea esta luz incandescente que parece rasar o soalho?

Talvez seja esse o lugar central que parece ocupar aqui a pintura de Amadeo de Souza Cardoso (1887-1918), a quem Paulo Rocha dedicou, em 1989, misterioso filme, falso documentário, livre evocação (afinal obsessiva na sua poética), artista convulso, modernista, provinciano, arrogante, solitário e breve inventor de formas, colador.

Parece (mas deste filme só conseguimos dizer que “parece”, não saberemos nunca o que “é”, é filme para entrever, não se escancara, cala-se), parece que Paulo Rocha encontra na selvajaria popular de Amadeo, no seu gosto pela colagem, na brutalidade fresca das suas cores, parece que encontra a terra onde pousar a mão.

Contra o “país perdido” de Pessanha, a vitalidade do seu pai, a vitalidade vibrante do modernismo (rural, popular), em que se inscreve, parece. Mas nada é certo, tudo hesita neste filme – de onde qualquer sentimentalismo está ausente.

Como se víssemos a vida pela derradeira vez, a primeira luz– e sem adeus.

Eu vi a luz em um país perdido.



<http://www.midas-filmes.pt/>